

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



CONTOS E POEMAS

TÃO DISTANTE

VOL. IV



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-86252-1
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

FUSO HORÁRIO DO MIADO, POR AMANDA CORVELL, PÁG. 05
PREFÁCIO DOS NOVOS CICLOS, POR ANTONIO CARLOS MARQUES, PÁG. 08
QUANDO A DISTÂNCIA É UM GRITO SILENCIOSO, POR BRUNO NASCIMENTO COELHO, PÁG. 10
ANO-NOVO EM LONDRES, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 13
(S) DE SONHO, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 17
CORAÇÃO EM CURAÇÃO, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 20
UMA PONTE, POR GUILHERME BATISTA DA SILVA, PÁG. 23
SAUDADES DO MEU PEQUENO, POR IAMARA LOPES, PÁG. 25
EU, TÃO MENINA, POR LUCIMARA DE CASTRO BUENO, PÁG. 27
AH... QUE SAUDADE!, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 30
LUGAR E LUGARES, POR MARIANELA COSTA FIGUEIREDO FERREIRA DA CONCEIÇÃO, PÁG. 32
DIAS DE OCEANO, POR MARCELO HISSA, PÁG. 37
HÁ POESIA NO FIM, POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS, PÁG. 40
FOLHA E VENTO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 43
AMIGO DE LONGE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 45
A SOMBRA DA MÚMIA, POR SHEILA SACKS, PÁG. 47
QUANDO ELA SE FOI?, POR SOPHIA ODARA, PÁG. 51
RITMO, POR VLADIMIR RODRIGUES SAMPAIO FILHO, PÁG. 54
QUIS AMAR, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 57
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 59



CONTOS E POEMAS

TAO DISTANTE

VOL. IV

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

FUSO HORÁRIO DO MIADO

POR AMANDA CORVELL

Amanda Corvell é enfermeira de formação, pesquisadora na área de direitos humanos, e escritora por vocação. Suas experiências a colocam em contato diário com as nuances mais profundas da condição humana. Foi na fronteira entre a ciência, a ética e a emoção que encontrou na literatura a voz para explorar os dilemas íntimos e as histórias que a realidade lhe sussurra.

O avião não era uma passagem; era um corte no espaço entre nós. Desse lado, eu, profissional com malas cheias de planos no Japão. Do outro, dois pedaços da minha alma com olhos amendoados e bigodes: Rengar e Lulu. Eles não conhecem “oportunidade de carreira” ou “contrato de realocação”. No dicionário deles, só existe uma palavra para o que aconteceu: abandono.

Aqui, o mundo é lição de eficiência. Trens pontuais, ruas limpas, tudo nos conformes. Mas meu coração insiste em viver no fuso horário do miado. Enquanto Tóquio dorme, eu estou de plantão, no horário de verão do nosso afeto.

O celular virou a janela da nossa prisão. Ligo por vídeo todas as madrugadas. É uma tortura que eu mesma me imponho. Rengar reconhece minha voz e corre, esfregando a cabeça na tela, procurando o cheiro que sumiu. Lulu mia — pergunta muda: “Cadê você? Por que sua mão não me afaga mais?” Do meu lado, a mão se abre no ar, tentando tocar pixels. A tecnologia, essa mentirosa que promete encurtar distâncias, nunca foi tão inútil. Me empresta voz, mas rouba tato. Mostra rosto, mas esconde cheiro. É uma ponte quebrada sobre o buraco da saudade.

Minha irmã, santa guardiã deles, manda vídeos. Eu analiso como um laudo: “Ele comeu só metade.” Coração afunda. “A Lulu não quis brincar com a bolinha.” E desanda. A bolinha de papel! Nossa brincadeira sagrada! O apartamento no Brasil virou museu de manias extintas. A caminha do Rengar — aquela que era minha blusa de lã — permanece intacta. Ele não dorme mais lá. Virou troféu da minha ausência.

Arranjei um emprego que paga em ienes. Mas não existe dinheiro que compre um ronronar quente, que arruma a bagunça da alma. Aqui, sou estrangeira. Minha maior barreira não é a língua; é a ausência da conversa que não precisa de palavras — só de olhar, ronronar e o balançar de caudas em sintonia.

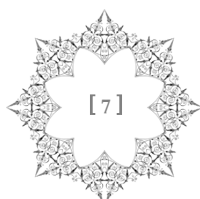
Existe uma solidão que não é falta de gente; é ter pedaços da sua alma espalhados por fusos horários distintos. Saber que, do outro lado do mundo, dois bichinhos não entendem por que o mundo deles desabou. E o pior: eu não posso explicar.

No silêncio do meu apartamento minúsculo, mando áudio chorando à irmã: “Será que eles acham que abandonei? Que não amo mais?”

Ela responde com vídeo. Rengar deitado perto da porta, olhos fixos na maçaneta. Esperando. Na esperança teimosa de gato.

Aprendi, da pior forma, que “casa” não é CEP. É o pedaço de chão onde um ser te espera. Meu coração tem um fuso horário próprio, que não é de Tóquio nem de São Paulo; é o ritmo de dois corações peludos que, do outro lado do mundo, ainda escutam o eco dos meus passos.

E, no meio desse silêncio todo, eu também espero. Pelo dia em que cruzarei o mundo de volta, para o único lugar que importa: o pedaço de chão onde eles me esperam e onde finalmente, meu coração repousa.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PREFÁCIO DOS NOVOS CICLOS

POR ANTONIO CARLOS MARQUES

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339), já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.

Instagram: @antoniocarlosrodriguesmarques

Esses são os novos ciclos dos gritos aflitos.

Esse é o ciclo da desunião, ao após da superior explosão: as doenças, as mortes, as carências, isso tudo, irmãos na deserção, isso tudo são tristes consequências: por que vos mutilastes em inferiores ciências?

Sei que me condoo dessa mortandade de infelicidade.

Sei que não era esse o meu Plano de Bondade.

Mas, porque seguistes ao rastro descendente, pela má postura da falta de candura, somente faço e farei estrada de ascensão nesse vosso mundo de rebaixidão.

Por que esse castigo tão imerecido, Divina Formação?

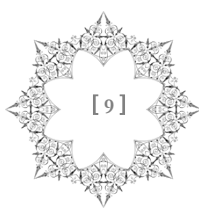
Tão imerecido para vós, aflitos dos gritos enrustidos.

Tão danoso para vós, merecedores desses gritos aflitos.

Mas, para Mim, a Divina Justiça, é ameaça sem arruaça: chega em definitivo e, só após ao castigo, é que vivereis em corpos de luzes: como o dos meus Anjos Andaluzes.

Só ao após do desterro, em vossos corpos da Superior Cidade. É que habitareis na mansão da expressão.

Eu, o Ciclo da Finalização.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO A DISTÂNCIA É UM GRITO SILENCIOSO

POR BRUNO NASCIMENTO COELHO

Bruno Nascimento Coelho é bancário, advogado e brasiliense, nascido e criado na Capital pelos professores aposentados Paulo e Ermínia, que o ensinaram o valor do trabalho. Pessoa de poucas palavras, mas com sentimentos profundos e intensos sobre o que é a vida e o sentimento.

Diga-me a verdade,
porque a mentira já não me serve.
Quando eu era só um corpo solitário,
eu amava a mulher do meu primeiro beijo.
Ela disse não.
E o tempo, esse carcereiro,
me empurrou para longe dela.

Anos depois,
o acaso nos beijou outra vez.
Ela ainda disse não.
Eu calei,
como quem engole vidro para não sangrar por fora.

Casei.
Não por amor, mas por costume,
por medo de morrer sozinho.
Agora vivo num lar que é trincheira:
gritos, cobranças,
a inflação mastigando meu salário,
dois filhos que são minha única luz
num quarto sem janelas.

E então ela voltou.
Tarde demais.
Com palavras que queimam:
“Eu te amo.”
Quando eu podia, ela não quis.
Quando não posso, ela exige.
E eu?
Eu enlouqueço,
vazio como um copo quebrado,
perguntando ao vento:
o que devo fazer?

Mas o vento não responde.

Ele só leva embora

o pouco que resta de mim.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ANO-NOVO EM LONDRES

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

Ano-Novo em Londres
e você estava radiante
junto a London Eye,
vestindo um *jumper*
Blue Christmas.

Sua cor favorita é o verde,
verde musgo, aliás, mas
você fica tão bem assim
de *navy blue angel*.

Ano-Novo em Londres,
e eu assisti tudo pela televisão,
e lá estava você, quem diria,
com sua cara de Nelson Brothers
e seus “óculos John Lennon”.

Saiu de óculos na filmagem!
my oh my, esqueceu de tirar...
aposto ficou mais preocupado
em dizer *cheese* como um Brit.

Ano-Novo em Londres,
e eu assistindo a uma BBC,
e você lá, às margens do Tâmesa,
com barcos, barcos e mais barcos,
você... *O Captain! My Captain!*

Você, à luz do céu
de Londres,
cheio de nuvens,
Londres e você.

Tão longe de tudo
tão longe de todos
tão longe que pensou
com o coração e não
com a razão, e -

Na Ponte de Westminster se assustou
com as doze badaladas do Big Ben,
que só não te assustaram mais do que
o teu medo de estar ali e eu nunca saber.

Que você estava em Londres bem onde
um dia eu também tinha estado e pisado
e você desejou tão forte que eu estivesse
do teu lado que fechou os olhos, suspirou,
fez seu pedido e lançou um *sixpence* no rio.

Poor timing...

Tempo cinza em Londres (*poor you*)
dias nublados para mim (*poor me*)
separados por uma smart TV 32”
e um didático mapa-múndi.

Será que o ano-novo
vai trazer de novo
um novo dia
uma nova noite
um novo *réveillon* ou...

Não, champagne não
espumante também não
e cidra, não faz sentido -

é ou não é Londres?

Do que eu estou falando?

Well, well, well,

da virada do ano,

e de um ano que

não importa em Londres.

O que importa é que, *oh yeah,*

vou colocar na minha *wishlist*

e também no meu *dream board*

sua foto rasgada ao lado da minha.

Em Londres

sem distâncias

entre nós

só a distância

do teleférico ao chão.

Não é promessa,

mas eu prometo

que à meia-noite, em um barco,

os fogos coloridos vão gritar comigo -

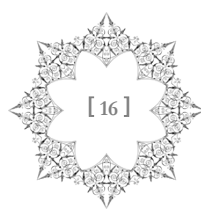
Que você é o homem

mais belo que existe:

Belobog perfeito

pra Svarog nenhum

colocar defeito.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

(S) *DE SONHO*

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

uma
saudade -
uma.

só uma.

um
amor -
um.

apenas um.

o que me importa
o que te importa -
a distância.

nada importa
só o amor.

a distância?
não prometo.

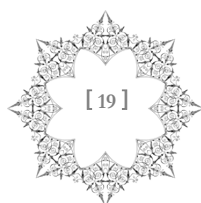
à distância,
te prometo:

escrever
uma nova história -
a nossa.

reescrever
tudo de novo -
mas agora...

tudo com
a letra S
de sonho.

- S -



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CORAÇÃO EM CURAÇÃO

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

Todo dia, história repetida,
O relógio desperta e
A gente acorda cedo
Para ir trabalhar.

Mas... Um dia desses
Assim, de repente,
Meu coração resolveu
- Pasmem - tirar férias.

(curaçau blue)

Aiiii, que vontade louca
De rir até a barriga doer
Ao ver meu coração de chinelos
Prontinho para passear.

Aiiii, que vontade louca
De rir até a lágrima escorrer
Ao ver meu coração de mochila
E óculos de sol de lentes azuis.

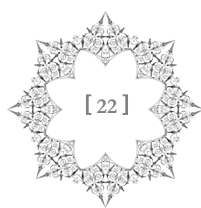
(curaçau blue)

Foi num dia desses
Assim, sem motivo algum, que
Meu coração veio com esse ultimato:
“Férias e não se fala mais nisso!”

E, disse-me ele, sem cerimônias:
- Se quiser me acompanhar

Jogue esta cara cansada fora
E vamos logo viajar!

(curaçao cura)



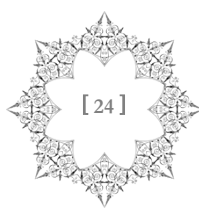
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

UMA PONTE

POR GUILHERME BATISTA DA SILVA

Guilherme Batista é um jovem escritor de 19 anos, natural do estado de Alagoas, que versa a escrever prosa e poesia. Influenciado por nomes como John Fante e W.B. Yeats, Guilherme escreve textos de cunho autobiográficos em que aborda seus dias e a felicidade e dor deles. Sua vida.

Eu sinto sua falta,
Sinto falta de te ver nos finais de semana,
Da brisa do entardecer rosado, azul;
E de beber um pouco do café da minha mãe
E de pensar em seus olhos, e pensar na maneira
Como um dia você sorriu para mim
Até a noite em que fui embora,
E a distância jogou entre nós
E entre todos aqueles que um dia foram embora
E deixaram um pouco da sua alma para trás
Em algum lugar
Uma ponte.
Há dias e há noites em que penso nela,
Penso em você e sinto vontade de atravessá-la a passos largos,
Ou melhor...
Correndo.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SAUDADES DO MEU PEQUENO

POR IAMARA LOPES

Iamara Lopes Valle dos Santos é escritora, neuropsicopedagoga e mulher que transformou dores profundas em força e voz. Sobrevivente de abusos, violência emocional e silenciamentos, encontrou na escrita o caminho da cura e da identidade. Sua obra aborda empoderamento feminino, superação, espiritualidade e resiliência. Iamara acredita que cada palavra é um renascer e que sua missão é inspirar outras mulheres a retomarem a própria história. Reconhecida em diversas antologias, segue ampliando sua presença no cenário literário brasileiro.

Dois meses sem ver meu neto
e o coração não sabe ser forte.
É uma saudade que não grita, ela
sangra.
Que não some, só aumenta.

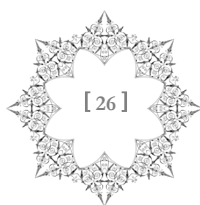
Ele está longe,
distante,
ausente do meu colo,
mas nunca do meu peito.
Meu amor pra vida todinha, meu amado e netinho Oliver.

Eu penso nele todos os dias.
Imagino o cheirinho, e o sorriso,
a mãozinha pequena segurando a minha.
E essa ausência dói de um jeito,
que só amor de avó entende.

Queria o tempo correndo mais rápido.
Queria o caminho encurtando.
Queria o abraço voltando.

Mas enquanto ele não volta,
eu oro, grudada em sua naninha.
Oro para que Deus o proteja, o livre e
o guarde,
o cubra de luz
e traga de volta para mim
no momento certo, que sei que vai acontecer.

Porque o amor verdadeiro
não se perde na distância,
se fortalece nela.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

EU, TÃO MENINA

POR LUCIMARA DE CASTRO BUENO

Lucimara De Castro Bueno é Mestre em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Titular de Língua Portuguesa e Língua Espanhola da Educação Pública na Rede Municipal e Estadual. Graduação em Letras/Espanhol. Pós Graduação em Língua Espanhola e Cultura Hispânica. Especialização em Mídias na Educação. Especialização em Gestão Educacional. Publicou livros e artigos relacionados a prática pedagógica e ao trabalho docente.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5208956356980563> ID Lattes: 5208956356980563

O amor entre nós nasceu sem olhar
Quando vi aquele moço desconhecido —
E, ao mesmo tempo, tão próximo —
Não imaginei que seria para tanto.

Eu, tão menina,
Naquela manhã qualquer, naquele ônibus comum,
te vi em pé, distraído,
enquanto eu, sentada,
aprendia o significado do arrepio.

Eu, tão menina,
Que ainda não me perdera em ninguém,
Senti algo acordar em mim —
Um rumor, um susto, um florescer.
Foi como uma flecha:
entrou leve, mas ficou.

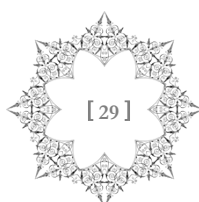
Você não me viu,
Não voltou o rosto,
E eu, sem coragem de sonhar,
Nem cheguei a ver o seu.

Eu, tão menina,
Gostei de ti pelas costas.
E quando desceste,
O mundo seguiu contigo,
sem que notasses.
Fiquei — tão menina —
No mesmo assento,
Com o coração tropeçando em lembranças
Que ainda nem haviam acontecido.

Naquele dia aprendi
que o amor pode nascer no instante mais banal,
No silêncio de um ônibus,
No descuido de um olhar que não se encontra,
E que nem sempre —
é correspondido.

Eu, tão menina,
Guardei o pensamento naquele moço
Que só conheci de costas.
E sonhei, quem sabe um dia,
ver o reflexo dos teus olhos.

Hoje, eu — tão mulher —
pego o mesmo ônibus, todos os dias,
como quem espera o destino repetir-se,
como quem crê que o acaso,
um dia,
há de olhar para trás.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AH.... QUE SAUDADE!

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte. Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

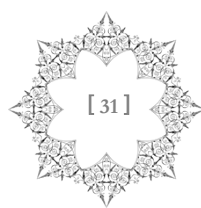
Na distância, o carinho não se vai...
Sinto o coração pulsar com saudade.
Mensagens de afeto nunca são demais,
mantêm viva dentro de nós, a amizade.

O tempo separa, mas não apaga...
pois o amor persiste a cada instante.
A lembrança aquece como uma chama,
transmuta a distância em algo constante.

Trocar palavras é o nosso alento...
Numa via de mão dupla, a vida se faz.
Cada gesto, sentimento ou amizade
é laço eterno que jamais se desfaz.

Para manter tão valioso tesouro...
É preciso cuidar com muita atenção.
A amizade é o mais belo legado,
que se guarda sempre no coração.

Mesmo longe, o coração se entrega...
A saudade se transforma em calor.
Na distância é que a amizade navega
e a ausência se preenche com amor.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

LUGAR E LUGARES

**POR MARIANELA COSTA FIGUEIREDO FERREIRA DA
CONCEIÇÃO**

Psicopedagoga e Licenciatura e História. Mestre em Educação. Professora Universitária. Coordenadora de Pós Graduação e Pesquisadora: 6 ensaios em coautoria. Já aposentada, avó e com gosto pela escrita: 21 contos publicados. Romances: "Tempo de Travessia" (2023 - Caqui Literário); "Onde está o meu lugar" (2025 - Ipê das Letras)

José Pedro havia chegado em outro continente em busca da sua formação profissional e de novas vivências culturais. Nas férias, percorríamos alguns países da Europa de mochila às costas, trabalhando em programas estudantis, observando costumes e tradições e redimensionando nossas conexões com outras sociedades. Estávamos vivenciando um amor em tempos promissores do final dos anos 70! Nem bolsas, nem brincos só para mulheres, mas para todos com calças boca de sino. Liberdade e criatividade. Esguia e pequena, eu usava botas de cano alto com minissaia, 15 cm acima do joelho. As mulheres libertavam-se de corpo e alma, chocando as gerações mais caretas: *“É a decadência do mundo”*.

Celebrava-se a rebeldia, a revolução sexual, a paz e o amor, com igualdade racial e de gênero, a caminho da década de 80. Era uma época de contracultura. Fomos a Londres assistir “Aquarius”, do musical “Hair”. Celebrava-se a Era de Aquário, um período astrológico de harmonia e esperança. Roupas de muitas cores, ao estilo hippie, cabelos longos e bolsas a tiracolo também para os homens. Kathmandu e as drogas para quem quisesse!

As transformações mundiais cimentaram um mundo parecido com o de hoje. Padrões antigos tornavam-se obsoletos à medida que eu própria amadurecia, preparando-me para uma nova era mundial. Estávamos unidos na batalha da vida. Olhávamos a nossa bebê, fruto de tanto amor. Eu casara muito apaixonada, mas não sabia que esse sentimento muitas vezes nos faz enxergar o amor a nosso modo, aquilo que desejamos que o outro seja: *“Zé Pedro, estou estranhando! Passou a ficar mais quieto, não vamos mais ao cinema, não quer viajar! Onde estão os seus amigos?”*

Nascido em um mundo fechado e rural, muito diferente do meu, urbano e europeu, percebemos muitas diferenças de criação. No entanto, isso parecia longe de nós, não nos afetava. Naquele momento, estávamos centrados num contexto comum, com empregos consolidados e felizes com o casamento. Calmo, fleumático, Zé Pedro fugia de conflitos. Eu aceitava a felicidade com simplicidade e como duradoura, sem ainda vislumbrar o tremendo abismo que nos iria abalar. Numa tarde de domingo, descansando na sala, ele declara: *“Preciso voltar para o meu país!”* Levaria a sua nova família, eu e Beatriz. *“Preciso avançar na minha profissão!”*.

Pedi explicações:

— Como? Pedro, agora, com tudo a correr bem, depois de todo o esforço para construir uma vida confortável, você quer mudar de país?! Aqui, você tem mais opções de escolha, especialidades para aprofundar seus conhecimentos médicos.

Perplexa, olhei para Zé Pedro, ele não tinha planejamento algum para uma mudança com essa dimensão. Sem quaisquer promessas de emprego. Um terremoto emocional! Por vezes, perdemos-nos nas profundezas da nossa alma para dela tirarmos as lições que precisamos em cada momento de nossas vidas. Ana disse num sopro:

— Temos nossos empregos, em ambiente confortável! Temos tudo de que gostamos, estamos numa vanguarda de costumes. Convivemos com esse novo mundo, orgulhosos desse pertencimento!

Tornei-me imigrante por casamento. Viajamos para longe, muito longe, para além do oceano. Fui para um deserto emocional em que fiquei jogada. Com costumes muito diferentes dos meus que eu avaliava como atrasados, fiquei longe dos tempos europeus mais promissores. Bem longe da minha família e das minhas raízes. Meu coração adoeceu. Minha alma secou. Meus projetos de vida paralisaram. Minha formação universitária não importava. O que restou? Um mar inquieto, um vulcão em erupção. Uma inundação em tempo de tempestade!

Nesse maremoto de sentimentos, as prioridades de vida soaram forte. Desde cedo, eu havia aprendido que jamais devemos esmorecer perante a adversidade. E assim fiz, mas o amor não suportou. Zé Pedro, perplexo, afirmou:

— Que reação exagerada! Agora podemos recomeçar!

— Recomeçar para quê? Zé Pedro, você não foi verdadeiro, mostrou-se como um homem satisfeito com a nova cultura do meu mundo, mas agora parece ter esquecido tudo o que vivenciamos juntos!

Ele baixou a cabeça. Eu levantei os meus olhos para ele:

— Você teve uma recaída cultural tão grande que não consigo suportar! Você não percebeu que eu e Beatriz não cabemos mais no seu mundo. Os tempos mudaram. As mulheres tornaram-se mais independentes. Estudaram, abriram-se para outras visões do universo, com um mundo com novas regras, com uma nova filosofia, uma nova concepção do funcionamento do viver em sociedade ...

Ele olhou para mim de forma interrogativa, com um olhar manso e sereno, mas equivocadamente, de quem não tem saída para caminhar em um mundo novo. Fui embora, não de casa, mas do que Zé Pedro me havia apresentado. Perplexo e congelado, ainda não havia se tornado um novo homem.

Na Europa, as mulheres como os homens, passaram a ter suas próprias realizações. Tornavam-se independentes, usavam pílula anticoncepcional, perseguiam seus desejos profissionais. Ana viajara para o país do seu marido numa região em que a água ainda não era tratada. Saíra de um mundo renovado e promissor dos anos 70 e 80, num salto aéreo, para o outro lado do mundo. Um cenário estranho, melhor dizendo: “um não lugar”.

Na realidade, para mim, esse novo mundo em que eu nunca tinha vivido, mas nele havia aterrissado, era o caos, transformado em metáfora pela contemplação de um quadro do pintor catalão Salvador Dalí. No início do século XX, esse pintor surrealista retratava o mundo abstrato dos sonhos e do seu subconsciente, chamando a atenção pela combinação de imagens bizarras. Com um título sugestivo: “A Persistência da Memória”, era um simbolismo da minha realidade: um espaço árido, com um galho seco e formas alongadas, disformes e moles de relógios parados no tempo, dobrados, pendurados, e muita cor de terra, caramelo, alaranjado anunciados também pelas figuras de formigas, sinalizando uma desintegração do não lugar. Assim, eu comparava. Como um desses relógios, eu estava parada no tempo, amolecida na paisagem morta. O tempo e o espaço passaram a depender do meu olho de observadora.

No mundo, a década de 80 marcou o desenvolvimento da informática e a popularização da tecnologia. Uma revolução sem precedentes para a história das comunicações. A queda do muro de Berlim, com o fim da guerra fria. Enquanto o mundo ocidental consolidava uma transformação de valores, Itatá de Minas sentia respingos da ditadura no país, mas a caminho da democracia. Uma sensação de estranhamento, Ana não pertencia àquele lugar. Como pessoa, sentia-se com a instabilidade dos terremotos, um fenômeno dramático do meio ambiente. Suas placas tectônicas emocionais em choque, à semelhança do planeta, provocavam abalos tremendos na sua estrutura emocional.

Não é sem dor que as pessoas se desprendem da sua identidade. Vivenciam-se lutos para inaugurar novos enredos nos caminhos da vida. Fica difícil continuar com a

mesma pele. Aportara em um novo universo, cujo formato lhe era desconhecido. Perguntava-se: *“Quem sou eu? Onde estou? O que tudo isso tem a ver comigo?”*

Entalada entre dois mundos, imatura, ainda não aprendera a lidar com a nova situação. Passou a não entender o seu próprio marido. Os imigrantes e refugiados redesenham inúmeras imagens de si mesmos na necessidade de pertencimento. Ser estrangeira ajuda a ter outros olhos, talvez mais perspicazes porque, em mundos diferentes, percebem variações sociais que levam a uma profunda reflexão. A experiência de mudar de lugar, sair de um país e ir para outro, num primeiro momento, tudo muda desde o status social até os sonhos e projetos. Conflitos passaram a existir com maior frequência, entremeados pela empatia e pelo perdão, importantes nas novas configurações. Machucada por lembranças secretas e pelas diferenças que abalavam a sua própria consciência, perdida na sua própria identidade, Ana chorava sentida e confusa.

— Você nunca me avisou dessas diferenças. Até você parece ser outra pessoa! Não é mais o homem com quem eu me casei!

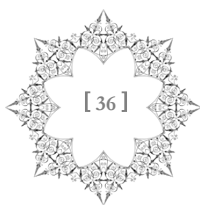
A tolerância é um caminho para a paz. Ana e Pedro conversavam muito. Cada um inventa o seu castelo interior de forma peculiar, com novas texturas internas. Em diferentes etapas do nosso viver, a subjetividade muda. Ana acabou se reconhecendo como protagonista de um jogo cultural complexo de identidades em contraste, não com uma identidade única, mas múltipla e resultante dos diversos contextos sociais.

Considerou em sua nova identidade: *“Preciso de um tempo por lá, preciso de um tempo por cá! Preciso voltar para a minha casa interior, para o meu lugar porque as raízes, algumas se perdem, mas outras nos reestruturam para florescermos mais fortes, em outro lugar.”*

Depois de várias experiências com jardineiros da alma e de alguns anos afastados, Ana validou:

—. Não podemos nos entregar a um destino que não escolhemos. Precisei escrever um novo capítulo na minha história. Quis contá-la de um jeito diferente.

— Ana, a vida nos chama, podemos nos transformar em algo melhor, diferente talvez, em sintonia com o que o amor nos solicita: o amor apaixonado de dois jovens, o amor maternal e o amor paternal, até o amor por si próprio no desvendamento de uma vida inteira. Nós fizemos isso!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

DIAS DE OCEANO

POR MARCELO HISSA

Dr. Marcelo Hissa é médico endocrinologista formado pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, com residência em Clínica Médica e Endocrinologia e Metabologia. Atua no Centro de Pesquisa em Diabetes e Doenças Endócrino-Metabólicas, unindo ciência, sensibilidade e cuidado humanizado. Sua escrita nasce da escuta profunda de pacientes em momentos de dor, transformação e busca de sentido. É autor de quatro romances — A Pena Azul, Mente e Movimento, Equilíbrio da Beleza e A Órbita da Alma — que entrelaçam medicina, espiritualidade e reflexão poética. Em suas obras, explora a cura que ultrapassa o corpo e revela o sagrado presente em cada experiência humana.

Deitado no velho bote de madeira, carcomido pelo tempo e pela água salobra que lentamente o desfazia em pó, ele permanecia imóvel.

A cabeça apoiada na borda irregular da embarcação, o corpo largado, braços estendidos, pernas imóveis.

Os olhos — sem brilho — perdiam-se na infinitude de azuis: o celeste do firmamento e o profundo do oceano, unidos na mesma solidão sem horizonte

Nada mais havia a ser feito naquele mar de esperanças dissolvidas. Já fora resolvido: não se muda o que não se vê mais. Era a imagem da passagem antecipando-se, carregada de peso e tristeza resignada.

Há muitas vidas — centenas de anos — o desfecho era sempre o mesmo. Tão distante.

Estava escrito, selado nas correntes do destino: o fim o aguardava nas profundezas, os braços erguidos em submissão, a água invadindo-lhe os pulmões, o corpo descendo cada vez mais fundo, cada vez mais certo.

A vida que levava trazia o peso denso da maldade.

E, nos últimos instantes de ar, sabia que uma legião de almas perdidas o esperava, ansiosa por um banquete de vingança.

Muitas vidas atrás. Uma finidade de dores atrás. Tão distante.

Sofrera as amarguras pertinentes até o esgotamento na exaustão da incompletude. Até a dor cansa.

Era ele mesmo — e como era ele!

Aquela alma, que agora se via, era a mesma que outrora semeara sombras e se alimentara da ausência de luz.

Impossível, queria gritar. Inaceitável, negava.

Já sofrera, já morrera, tantas e tantas vezes. Por que retomar agora?

Acreditava ter superado, ter esquecido, ter deixado para trás o ciclo do erro.

O que antes fora regra tornara-se agora inconcebível — uma sombra antiga que já não cabia na nova forma.

Estava certo de estar subindo — no espiral evolutivo, no degrau alvo que o afastava do que fora vil.

A escada, pensava, só sobe; nunca desce.

E cada degrau o aproxima do eterno, do Deus interior.

Olhar para trás é inútil — nada há a colher do confronto com a própria sombra.
Estacionar é perder o júbilo de ver a luz crescer, cada vez mais alta, cada vez mais pura.

Subir, subir — na paciência perpétua.

O tempo sabe esperar.

Olhar para o lado e condenar o fraterno é esquecer os próprios dias de oceano, os tempos de azul negro em que também se afogara.

Quem foste tu?

Quem és agora?

És o mesmo — apenas vestido de graça e dourado pela misericórdia.

Supera-te. Irradia teus novos raios.

Jamais acuses quem um dia será como tu.

Vê aonde chegaste — aprecia a vista e estende a mão assim como estendeste a ti mesmo

Transborda tua luz.

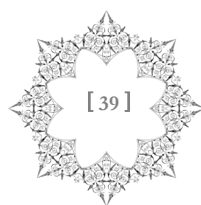
Faz dela um degrau para os que vacilam.

Perdoa o coração e acolhe o ritmo de cada subida.

Quem foste tu? Dias de Oceano

Quem serás tu? Dias de Firmamento

Vai vendo o agora. Não te distancies tanto.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

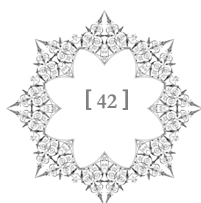
HÁ POESIA NO FIM

POR PAULA SOLEDADE DOS SANTOS

Paula Soledade é autora e professora, unindo literatura e educação em sua trajetória. Apaixonada por palavras, dedica-se à escrita de contos, minicontos e obras autorais, explorando temas do cotidiano com sensibilidade e crítica. Seu livro infantil Mamãe, de onde eu venho? reflete sua busca por narrativas que dialoguem com leitores de diferentes idades. Além da escrita, atua como educadora, valorizando a criatividade como ferramenta de aprendizagem. Inspira-se em música, cinema e experiências pessoais para transformar ideias em histórias que tocam e provocam reflexão.

Seria mais fácil se houvesse um tapa,
ou uma traição.
Como explicar o fim sem um evento trágico?
Nosso amor não suportou o fim da paixão,
o tédio do cotidiano,
os rostos sem maquiagem no início do dia
e sem máscaras no fim dele.
Queria saber como foi pra você perceber o fim.
Será que acordou e, de repente, descobriu que não me amava mais?
Ou foi assim como eu — que, apesar de ver todos os sinais,
se recusava a aceitar um fim tão pacífico?
Vim acumulando pontos de interrogação
até decidir por um ponto final.
Nada aconteceu.
Era um dia normal.
Você saiu pro trabalho sem me dar bom dia,
como em tantas outras manhãs.
Eu fiquei em casa, de home office,
decidida a fazer uma surpresa,
a tentar “requentar” aquele casamento,
tal qual fizera com o café de manhã.
E, assim como o café,
requentar não traz o gosto de volta
E ele vai pro lixo do mesmo jeito
Comprei uma fantasia de enfermeira no sex shop.
Vesti-me e esperei você chegar.
Você chegou, me olhou, deu uma risada
e perguntou o que tinha pra janta.
E foi assim que eu finalmente aceitei o fim.
Não teve gritaria,
nem xingamentos,
nem pedidos desesperados de volta.

Peguei minhas coisas e fui embora
antes mesmo de você sair do banho.
Nunca mais olhei pra trás.
E você nunca pediu pra que eu voltasse.
E assim posso dizer:
a parte mais poética do nosso casamento
foi o fim.



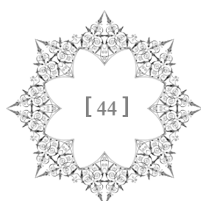
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

FOLHA E VENTO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Uma folha já sem vida
e sem sustento... ao vento.
Não há palavras, cantigas
nem sorrisos, que a celebrem.
E a qualquer lugar, levada...
se cai num rio, chega ao mar...
Se no solo, descansa em paz.
Não há seiva... só matéria
se desfazendo... no tempo.
E o meu coração, se do seu
distante... não conhece um lugar.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMIGO DE LONGE

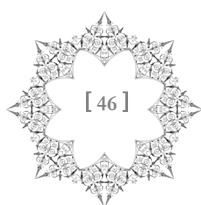
POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Quando se é amigo...
verdadeiramente amigo...
a distância traz saudades...
mas a amizade não esmorece.

Um suspiro levita no ar...
uma lágrima corre pelo mar...
a voz contida eletromagnetiza-se...
e ao coração distante, chegam.

A distância, uma onda que vibra...
e na amizade que espaço, desconhece
dois extremos, sintoniza...
e nem sei se finda no findar dos tempos.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A SOMBRA DA MÚMIA

POR SHEILA SACKS

Jornalista formada pela PUC/RJ, trabalhou em Assessoria de Comunicação Social no serviço público de 1982 a 2024. É autora do blog Viajantes do Tempo - Voyagers <https://sheilasacks.blogspot.com/> com mais de 200 artigos de pesquisa a partir de notícias e datas que impactam as sociedades.

O cartaz na parede não deixava dúvidas. Mesmo assim, cautelosa, hesitei. Porém, o porteiro do clube, sentado ao lado da roleta, deu um sorriso afirmativo. Eufórica, tive a certeza que a sessão de cinema estava confirmada. Com o coração aos pulos atravessei a rua correndo e entrei em casa.

— Mamãe ! — gritei esbaforida. — Tem cineminha hoje à noite no clube. Posso ir?

Sentada em frente à máquina Singer, mamãe balançou a cabeça sem interromper a costura. O feriado de Carnaval se aproximava e a minha fantasia de cigana estava quase pronta.

— Você precisa provar a saia antes que eu termine a bainha — disse sem tirar os olhos da agulha que pontilhava mecanicamente o tecido com a linha branca do carretel.

Todos os anos, no período do Carnaval, papai fechava a loja e levava a família para a fazenda de Ipiabas, no interior do Rio. Os donos, um casal de húngaros, nos recebiam como parentes queridos. Eles conheceram papai no navio que os trouxe ao Brasil, nos idos de 1930. Já de manhã eu vestia a fantasia e junto com as crianças da fazenda passava o dia com a indumentária.

Também nesse período o clube dava uma pausa em suas sessões de cinema e se organizava para os bailes de Carnaval. Aquela sessão de quarta-feira seria a última antes da semana de Carnaval. Depois, o recesso se estenderia até meados de março.

Às sete da noite, a primeira sessão atraía menos espectadores por causa do horário do jantar. Mas, era a sessão permitida para as crianças até doze anos. Mamãe sempre aguardava a chegada de papai para sacramentar a decisão. Eu e meu irmão esperávamos inquietos a concordância de papai. Se estivesse chovendo, podíamos perder a esperança. Apesar de nossa casa estar localizada quase em frente ao clube, papai relutava e muitas vezes negava.

— Faz frio, tem vento, chove, não vale a pena — avaliava. — Podem ler um pouco na cama e depois dormir. E diante de nossos semblantes decepcionados, ele prometia. — Na outra semana, o tempo melhorando, vocês vão. Combinado?

Sentada em uma das cadeiras na primeira fila do salão, a poucos metros da tela, eu aguardava ansiosa as luzes serem apagadas. A criançada do bairro arrastava as cadeiras

procurando um melhor lugar de visão, mas o encarregado não cedia e as cadeiras voltavam aos seus lugares de origem.

— Quer pipoca? perguntou a menina ao meu lado de cabelos cacheados. Minutos antes, a garotinha na segunda fileira me chamou e mostrou a pequena caixa rosa de chicletes Adams. — Pega uma pastilha — ofereceu. Ela mastigava a goma e seu hálito doce era uma tentação. Mas a voz de papai falava mais alto. — Nada de comer na rua — recomendava. No portão do clube, a algazarra das crianças em torno dos carrinhos de pipoca, algodão doce e guloseimas, ainda que proibitivos, me encantava.

Naquela noite o filme anunciado era “A Sombra da Múmia” e pelos desenhos do cartaz prometia muitos sustos. Assovios e gritos de “tá na hora” apressavam o apagar das luzes em um ritual que se repetia a cada sessão. Na tela, enfim, em um cenário preto e branco, uma horrenda criatura surgia enrolada em bandagens, locomovendo-se vingativa em seu afã de eliminar aqueles que profanaram a tumba de uma antiga princesa egípcia, agora reencarnada na namorada de um dos alunos do arqueólogo. Cenas de terror se sucediam: a múmia estrangulava o arqueólogo, invadia o museu, assassinava o segurança e é perseguida por policiais. Em fuga, a múmia e a jovem hipnotizada acabam afundando em um pântano. Antes de morrer, para espanto geral, a jovem envelhecia em segundos.

Terminada a sessão, novos assovios, palmas e o arrastar das cadeiras. O encarregado, com ares de monitor, observava a saída que se exigia ordenada e sem confusão. O pipoqueiro ainda permanecia em frente ao clube aguardando a sessão seguinte. Do outro lado da rua, papai e mamãe nos esperavam em frente a casa.

— Foi muito bom ! — exclamei empolgada, mas ainda assustada pelas cenas de horror.

Na hora de dormir vesti apressada o pijama, abracei meus pais que liam na saleta, e me escondi embaixo do lençol. Custei a adormecer e depois de algumas horas de um sono agitado, acordei sobressaltada. Rememorava o filme que parecia ainda mais terrível na escuridão do quarto. As cenas se repetiam diante de meus olhos e o medo me impedia de dormir. Na cama ao lado, meu irmão ressonava de barriga para cima.

De manhã, depois de uma noite insone, o céu azul me acalmou. “O pesadelo passou”, pensei aliviada.

— Dormiu bem? — mamãe perguntou enquanto colocava o leite morno no copo.

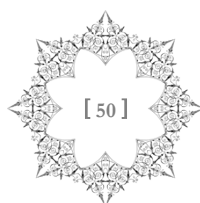
— Muito bem! — respondi, dando uma mordida na fatia de pão.

No correr daquele ano assisti o filme três vezes. Na terceira apresentação, meu irmão se recusou a me acompanhar.

— Pode ir à sessão comigo? — apelei à mamãe.

Na entrada do clube apresentei contente a carteirinha de sócia, responsabilidade delegada ao meu irmão ausente. As vizinhas conversavam na calçada e mamãe aderiu ao grupo. Sozinha e com o salão quase vazio assisti pela última vez “A Sombra da Múmia”. Na manhã seguinte, já arrumada para a escola, me dei conta de que dormi toda a noite em um sono tranquilo. — Como um anjinho — diria mamãe sorrindo.

Confiante, provoquei meu irmão. — Dessa vez vi o filme inteirinho. Não fechei os olhos uma única vez. E nem gritei de medo. Afinal — arrematei, me sentindo adulta — é tudo mentirinha.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO ELA SE FOI?

POR SOPHIA ODARA

Assisense, hoje: escritora, autora, revisora, mãe e esposa. Desde seus primeiros escritos, falas, cenas e cantos viu-se na palavra e na arte, nelas estava bem. Percebeu logo. Jornalista formou-se, mas, ainda não era isso. Partiu para o Rio de Janeiro. Teatro e cinema estudou. Não era só isso. Voltou. Docente livre tornou-se. Veio a reprodução impositiva. Libertou-se. Na academia foi até doutoranda. Acadêmico demais. Escritora e autora, pareceu-lhe melhor. Ama estar com sua família e consigo. Deixa-se um pouco a cada escrito. Escreve-se.

Seu olhar, agora, distante
De nós se afastava a cada dia...
Ainda a reconhecíamos em suas histórias longínquas,
Mas, a perdíamos em cada esquecer de recentes vividos.
“Estou esquecendo, fia”, com certa preocupação no começo dizia...

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

Um dia fui visitá-la e vi que suas malas estavam todas arrumadas.
“Fia! Seu pai vai me levar pra minha casa!” – exclamou feliz ao me ver...
Entrei num dos quartos para chorar.
Minha avó começava a se despedir... devagar, comecei a acreditar.

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

Pouco tempo depois,
Conosco foi morar.
Com saudades de sua casa não queria ficar.
Ela com saudades de sua casa e nós com tanta saudade dela.

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

Chegou o tempo em que nossos cuidados passaram a ser insuficientes.
Numa clínica foi morar.
Vimos ela ir outra vez. Choramos tanto. Doeu mais. Mais saudades dela.

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

Sorria e cantava quando chegávamos. Segurava nossa mão. Não soltava.
Os sentimentos não precisam de compartimentos para serem guardados.
Não precisam das limitações humanas.
Eles fixam-se num lugar que não temos acesso.
Sua existência simplesmente resiste e faz resistir.
Ali, as certezas adquirem incertezas improváveis.

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

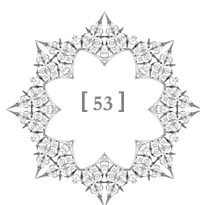
Houve quem determinasse que ela não mais estava.
Que partiu quando tão logo se esqueceu.
Mas, alguns poucos dos seus não se convenceram.
Do nome desses lembrou por muito mais tempo...

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

Na ausência de tantos e no amparo de poucos permaneceu por anos...
Era forte.
Numa manhã de primavera nos falaram sobre sua partida.
Não tivemos que avisar muita gente, tantos há muito já não mais se via.

Será que ela foi se indo a cada instante?
Será que se manteve conosco até onde nem supúnhamos?

Quando ela se foi?
Para que a essa pergunta responder?
Esteve conosco enquanto estivemos para você.
Muito obrigada, vovó.
Que meu perto nunca tenha sido distante para você. Sua benção, vó.
“Deus abençoe, fia”.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RITMO

POR VLADIMIR RODRIGUES SAMPAIO FILHO

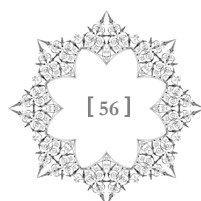
Eng. Agrônomo, forjado na área comercial, em contato com pessoas, sempre observando as várias personalidades que cruzaram seu caminho. Escreve faz tempo, mas sem maiores pretensões, apenas se tornou um hábito muito querido e de difícil compartilhamento. Casado há 34 anos, 3 filhos, morador da linda São José do Rio Preto e atuando na área de gastronomia, enfrentando o campo minado de impostos do pequeno empresário brasileiro.

Estamos dançando
A música da vida
Em ritmos diferentes
Ausentes
O destino é o maestro
Mudando a cadência
Independente
Quero beijar sua boca
Loucamente

Deixa acontecer
Vamos seguindo
A música vai continuar
Realidade ou sonho
Não quero pensar
O desejo é real
Estamos dançando
Tá legal
Não importa a distância
Só o sentimento

Ao teu lado
A noite é infinita
As estrelas estão conspirando
O firmamento é o cupido
Você está brilhando
O dia esqueceu de nascer
A magia aconteceu
O Universo não entendeu
Porque o tempo parou
Nem eu

Tenho que acertar o passo
E encher mais um copo
Pra não te perder
É amor sem fim
Na noite encantada
Assim



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUIS AMAR

POR AMILTON CONTÉ

Nasceu em Bissau, capital de Guiné-Bissau. Passou a sua infância em África e imigrou para Portugal em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou uma grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

2022; As Magoas que magoam

2023; 50 Vidas Silêncio das almas perdidas

2024; Eu o poeta

2024; Antologia (Contos e histórias daqui e do além)

2025; Amor Sublimado dum poeta Antologia

2025; Minha história para o mundo

2025; Mistérios contos e poemas vol. III

2025; Cartografia dos afetos amor é um acto político.

Homenagens

2022; Gala de Homenagem II edição No sta djunto

2025; O Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence

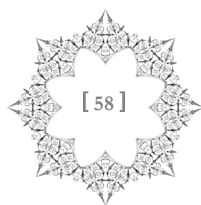
2025; Homenagem por mérito O Prêmio Afro events Luxemburgo

Chorei e não sei por que estou lagrimando
Chorei porque quis ser amado por alguém
Chorei porque amei perdidamente o ninguém
Chorei porque me sinto alegre e aliviado

Confiei ao tempo a minha história numa página
Deixei guardado no tempo a timidez do coração
Falei com o tempo sobre a data da comemoração
Mas o tempo não voltou só ficou na minha gana

O amor? É só o abismo dos fracos num pretexto
Num medo de enfrentar as dificuldades da vida
Um termo para justificar esse presídio abstrato

Me perdoa amor pelas palavras apeadas digo
Me deixa uma oportunidade dessa dor abnegada
Vai, mas não olhas atrás para com esse mendigo



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

FIQUE POR DENTRO DO MUNDO DOS LIVROS!



**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI